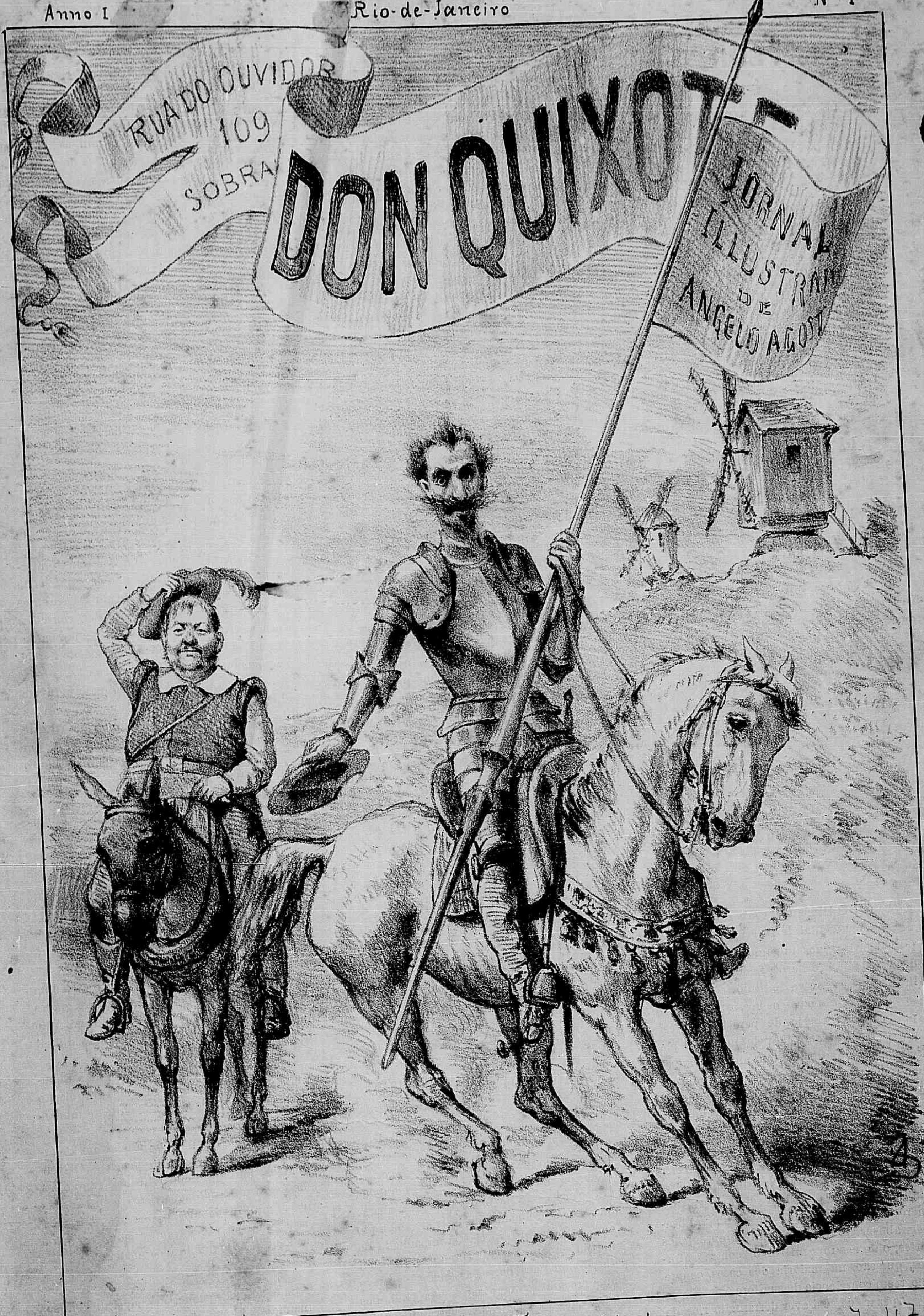


II - 64

Anno I

Rio-de-Janeiro

Nº 1



P. 244
1952

— Saude e Fraternidade

7-4761

• EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS :

CAPITAL	ESTADOS
Anno. . 20\$000	Anno. . 24\$000
Semestre 12\$000	Semestre 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a oportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possível dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre comissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 23 de Janeiro de 1895.

DON QUIXOTE

Conversalmente, conhecida a obra monumental de D. Miguel de Cervantes, e por isso, nos julgamos dispensados de dizer o que foi o heróe famoso, cujo nome lhe serve e nos serve de titulo.

A pouco e pouco os nossos leitores e o publico terão ensejo de perceber que este nosso *D. Quixote*, já pelo nome, já pelo seu caracter exquisito, tem muita affinidade e até mesmo algum parentes-co com o de cantado e engenhoso fidalgo de La Mancha.

Embora o tempo seja outro e o decurso de séculos desse lugar a progressos admiraveis, na Scienzia, na Arte, na Politica, em todos os ramos, emfim, do saber humano, o certo é que neste *fin de siècle* ainda se sofre muito, ainda se é vítima de um sem numero de prejuizos moraes, e de inqualificaveis abusos, praticados quasi sempre pelos fortes, ou que supoem sel-o, contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não teem consciencia da sua força.

Apezar de se haver derramado rios de

sangue humano pela affirmação da supremacia do direito sobre a força, e não obstante a civilisação da nossa epocha, ha uma tendencia fatal para adoptar, e dar-lhe fôros de legitimidade, o tremendo axioma do ferreo Bismarck : — *A força antes do direito*.

Pois bem : com o pensamento na sua Dulcinea, que é esta patria brasileira, tão bella e tão forte, o *Don Quixote*, que ora se apresenta, está resolvido e prompto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideal, que é : — *Mais civilisação, mais progresso, mais humariedade*.

Se, na realização deste programma, encontrar *D. Quixote* as disillusões que assorberam o seu incomparavel homonymo, affrontal-as-ha intemerato e proseguirá avante—tendo o cuidado porém, de prestar mais attenção ao seu fiel escudero, o precioso Sancho Pança, que o acompanhará, indefectivel, em toda a penosa jornada, que o avisará de todos os perigos imminentes, e lhe dará sempre a nota realista, a nota pratica, a nota philosophica dos acontecimentos.

Assim apresentado, *Don Quixote* curva-se reverente, e:

— Sauda o magistrado supremo da Nação, o illustre Dr. Prudente de Moraes, de cuja alta capacidade intellectual, de cujos sentimentos humanitarios, esperam os bons brasileiros a paz e o progresso desta grande Patria.

— Sauda o notável representante desta cidade, o Dr. Furquim Werneck, fazendo votos sinceros para que, como prefeito, consiga dotar o Rio de Janeiro com os melhores munhos que a prova la competencia do Sr. Dr. Del-Vecchio pode sugerir e executar.

— Sauda tambem o integro cidadão Dr. André Cavalcanti, chefe de polícia, e seus dignos auxiliares, rogando lhe em nome da civilisação, haja de empregar a energia moral e a força material necessarias, para a prompta e decisiva repressão das scenas de vandalismo com que certos grupos ameaçam a tranquillidade publica.

— E, por fim, *Don Quixote* sauda os seus bons collegas da imprensa desta Capital e da dos Estados, e o respeitabilissimo publico, aos primeiros desejando a maior união na defesa das boas causas, e ao ultimo — que Deus o livre e guarde dos nefastos acontecimentos por que passou, ultimamente.

O INCENDIO DA BARCA «TERCEIRA»

Ainda não se extinguiu a dolorosa impressão causada no publico pela terrível desgraça do incendio da barca *Terceira*, ocorrida no dia de Reis, ás 7 horas da tarde, nas aguas da nossa bella Guanabara.

Já nos ocupamos deste triste assumpto em uma estampa especial acompanhada da noticia circumstanciada do facto, a qual distribuimos aos nossos assignantes e teve uma procura extraordinaria, obrigando-nos a fazer quatro edições, de quatro mil exemplares cada uma.

Devemos dizer que, logo no dia seguinte ao da catastrophe, fomos ao lugar em que ella se deu, e procuramos, depois, falar ao mestre da barca *Quinta*, Pedro Costa, que nos referio, indignado e com as lagrimas nos olhos, a scena espantosa dos bandidos que, em grupo ameaçador, o impediram de approximar o seu navio de uma das prós da *Terceira*, podendo salvar deste modo todos os desgraçados que ali se reuniram esperando afflictos o devido socorro.

O desenho que publicámos reproduz, portanto, com a possivel fidelidade, o terrível acoutecimento, que victimou para mais de cem pessoas, entre as quaes infelizes creancinhas, mulheres e muitos chefes de familia.

Temos um sentimento enorme : é não conhecermos os biltres que, sob ameaças de morte, impediram que o mestre Costa praticasse um acto eommum de humanidade.

Quizeramos poder estampar as suas physionomias hediondas ás quaes, talvez, o remorso imprima traços vingadores...

Consola-nos, porém, a esperança de sabermos um dia seus nomes.

* * *

E já que falamos na criminosa interverção desses covardes, não deixaremos de pôr estar contra o facto de alguns senhores passageiros terem o topete de dar conselhos aos mestres das barcas, sobre a marcha e o rumo que levam, mór nente quanto se dá o phenomeno frequente da cerração.

Parce incrivel, em gente de gravata lavada, a ignorancia de que, perante os codigos e o bom senso, tanto o mestre de uma barca quanto o commandante de um couraçado, são senhores absolutos dentro de seus navios e os responsaveis unicos pelas manobras da navegação.

Ou suppõem os conselheiros que o leme de um navio é marimba que preto toca?

Pois, senhores, ile lamber sabão...

D. REPORTER.

NO ESTRANGEIRO

A França acaba de passar por uma crise, cujas consequencias podem ser graves para a tranquillidade desse bello paiz, tão rico, tão prospero, e, entretanto, tão dificil de governar.

Não ha duvida alguma de que a Republica Franceza está consolidada, em relação a qualquer tentativa de restauração monarchica.

Hoje, os que pensam, ainda, em assentar um rei no throno, são poucos. Os tres antigos partidos monarchistas, compostos de Legitimistas, Bonapartistas e Orleanistas estão muito reduzidos, e, pouco a pouco, os seus sectarios vão entrando submissos para as fileiras dos republicanos moderados.

—o—

Se o actual sistema de governo tem-se mantido até hoje, não dando motivo a graves perturbações politicas, tanto internas como externas, que o poderiam abalar,

6

por que muito se parece com o monárquico constitucional.

A única diferença está no chefe do Estado, que é eleito de sete em sete anos pelo parlamento reunido, composto de deputados e senadores.

—o—

De todos os presidentes, Carnot é quem melhor correspondeu à sua posição de chefe de Estado da República Francesa.

Dois grandes crises elle venceu: a do Boulangismo, crise política, e a do Panamá, crise político-financeira, intimamente ligada à primeira, pois que foi com parte dos fundos dessa desastrosa empreza, que o governo francês combateu o general Boulanger e seus partidários.

—o—

Carnot, seguindo, portanto, o sistema das monarquias constitucionais: *Reinar e não governar*, limitou-se a presidir e deixou os seus ministros governarem, ou desgovernarem, como entendiam, procurando, quanto possível, manter-se no seu posto, com a maior independência e imparcialidade, sempre digno e correcto.

—o—

De alguns annos a esta parte formou-se um partido que de dia para dia foi engrossando. Composto de antigos boulangistas, de radicais e outros republicanos mais ou menos exaltados, entendeu dever acabar com o oportunismo, nome de ha muito dado ao actual sistema do governo, que elle julga mais monárquico do que republicano.

—o—

A esse partido juntou-se um sem numero de descontentes (em toda a parte os ha) que, de ha muito, esperam novas leis mais liberaes, mais democráticas e mais economicas, que estabeleçam enfim um meio de acabar com essa tremenda luta pela vida, de que sofre o povo francês, e, pode-se dizer até, o do mundo inteiro.

Esse partido é o chamado socialista.

—o—

Casimir Périer e Dupuy, quando presidentes do Conselho de ministros esforçaram-se, apoiados pela maioria do parlamento, a combater energicamente esse partido, procurando até confundil-o ou mesclal-o com o anarchista, para melhor chamar a odiosidade publica contra elle.

Mas nada conseguiram: A onda socialista crescia cada vez mais.

—o—

Após a tragica morte de Sadi Carnot o parlamento francês, isto é, o grupo dos capitalistas e grandes proprietarios, de que fazia parte o archi-millionário Casimir Périer, entendeu que só um homem da tempra deste é que poderia ocupar o alto cargo de chefe de Estado, para melhor combater um partido politico que cada dia tornava-se mais exigente e mais forte.

E Casimir Périer foi eleito presidente.

—o—

Foi um grande erro do parlamento e

uma imprudencia de Périer em acistar o poder nessas condições. Se elle se tivesse limitado a presidir simplesmente, como fizera ou fingira fazer o seu antecessor, não teria sofrido tão cruel oposição, como chefe da reacção contra o socialismo, nem teria dado razões à imprensa de tornal-o impopular. A troça e a satyra francesa ninguém resiste. A pena de Rochefort, no Jornal *Intransigeant*, é uma arma temível e temida; muitas vezes é um punhal: mata!

—o—

Casimir Périer comprehendeu que não poderia resistir por mais tempo; e, olhando para trás, lembrou-se do 16 Mai, do Mac-Mahon, e das celebres palavras que a este dirigio o grande patriota Gambetta: *submetta-se ou demitta-se*.

Casimir Périer preferiu demittir-se. Fez muito bem, pois que tornava-se incompatible com as reformas pedidas pelos socialistas, e que elle sempre combateu.

—o—

O resultado da eleição para o novo presidente da República Francesa é a prova mais evidente de quanto é forte o partido dos republicanos mais adiantados, que contam em seu seio grande numero de socialistas.

O candidato delle, Brisson, teve 344 votos, Félix Faure 216 e Waldeck Rousseau 185.

A junção destes dois grupos é que determinou a escolha do Sr. Faure.

—o—

O actual presidente da República Francesa nasceu em Paris em 1841. No ultimo Gabinete Dupuy era ministro da marinha, cargo que elle desempenhou perfeitamente por já ter tido muitos navios no Havre, sob sua direcção. Até hoje não foi vulto político saliente. Mas, assim, como Carnot, elle pôde, e muito o desejamos, ser um bom Chefe de Estado.

D. MARCIO.



— Um destes retratos, não é o teu, Ambrozio?

— E', e os outros dois tambem.

— Essa, agora!...

— Pois são, e até muito parecidos. Eu era assim, magro, amarelo, doente, no tempo da revolta, quando o recrutamento e os bombardeios me aterravam...

— Bem, mas aquelle...

— Cheguei a ficar quasi assim, um verdadeiro esquelecto, com o horror das terríveis notícias do País sobre o cholera

— E, agora!...

— Conseguí ficar assim, gordo, córadoxo bonito, contente com o Prudente e depois que mandei ao diabo as tais notícias do cholera.



O PROCESSO DA GERAL

Houve aqui uma Companhia que se chamou — Geral de Estradas de Ferro no Brasil, mas que, pouco depois de nascer,

transformou-se em — Geral de Enriquecer o Proximo, a Vapor!

O intuito era louvável, e a principio, não faltou quem se lambisse com os lucros fabulosos realizados de pé para a mão.

* *

A coisa era assim, salvo seja:

— Fulano pegava em vinte contos de reis e levava-os à Companhia.

D'ahi a 30 dias ia receber vinte seis contos... Chamava-se a isto: — Report.

— Beltrano possuía tambem vinte contos de reis, mas achava pouco o lucro de seis, em 30 dias!

Comprava então uns papéis escriptos e d'abi a dez dias apurava quarenta contos de reis!!

Chamava-se a isto: — Jugar em debentures.

* *

Mais, um bello dia, deu o trangol-manglo na Geral...

— O que é? O que foi? O que aconteceu?

— Os ingleses...

Não se sabia ao certo.

O facto é que a Companhia fechou a porta aos Report — e o valor das tais debentures, que chegara a subir a cento e tantos mil reis, cada uma, foi descendo, descendo, até...

Até que, tempos depois, um pobre ilheo que passava pela rua da Alfandega a vender abacaxis, vendendo troçado sem piedade por uma chusma de zangões da bolsa, e não sabendo como defender-se, trepou rapidamente à sua carroça, e, empunhando triunfalmente meia duzia dessas fructas deliciosas, soltou aos quatro ventos este pregão admirável: — Trocasse abacaxis por debenturas!

E é que não faltou quem quizesse fechar negócio...

* *

Muita gente rica empobreceu; os remediados ficaram à dependura e os pobres a pedir esmola.

Mas, perguntavam: — para onde foram tantos milhares de contos subidos do bolso de meio mundo?

— Mysterio...

* *

Veo, então, o processo da Geral.

A coisa ia esclarecer-se. Peritos e mais peritos foram chamados para investigar a causa da dégringolade. Cresceram os laudos. Cresceram os syndicos. Cresceram os juizes. Cresceram os procuradores. Cresceram os officies de justiça! A curiosidade publica e a indignação cresciam... Era um crescimento Geral. Só o dinheiro não crescia, porque não havia mais... para crescer.

* *

Por fim foram submettidos a julgamento no jury, alguns directores da famosa Companhia.

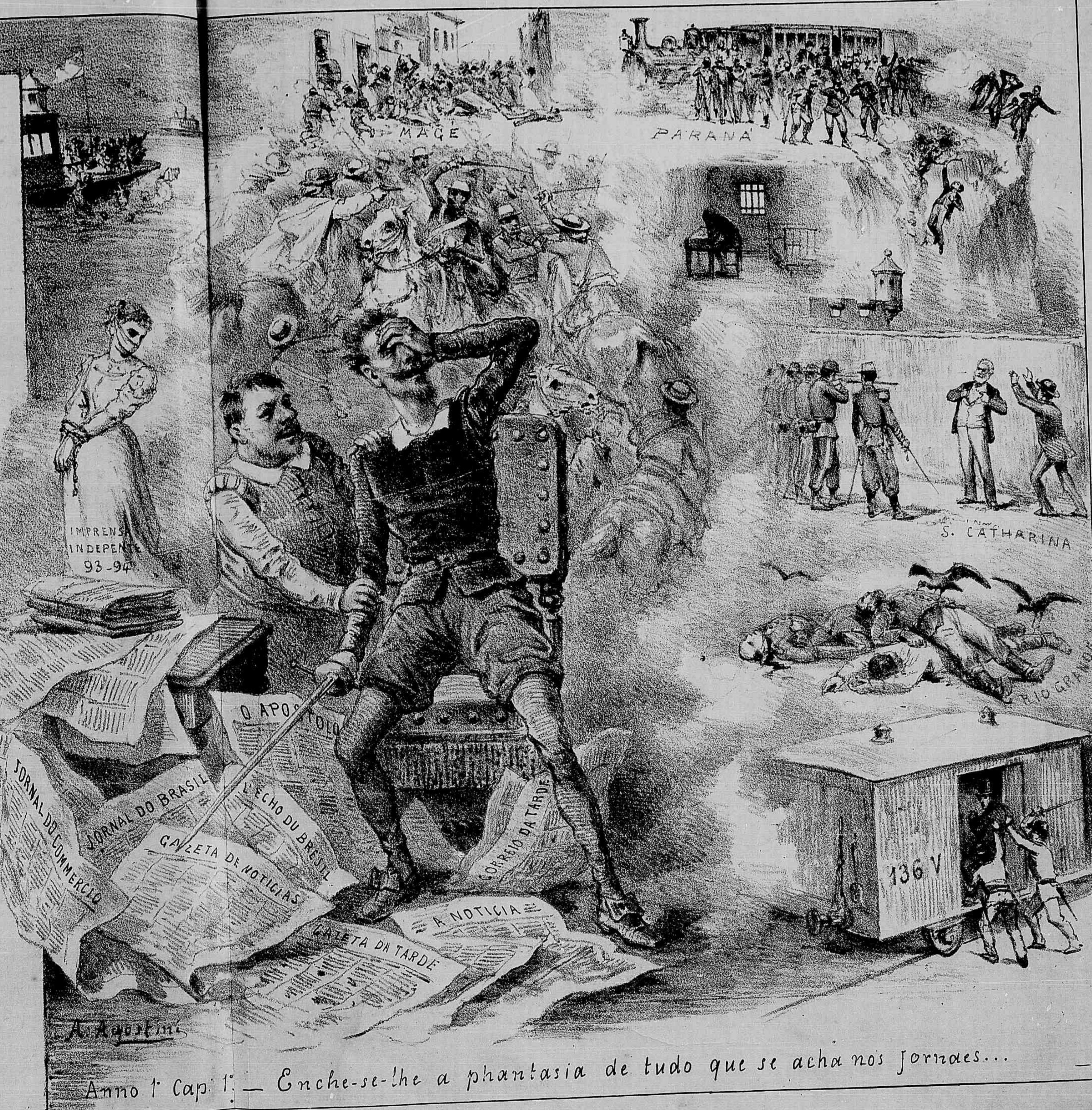
Os supostos réos defenderam-se... atirando para os ingleses a culpa do fracasso. Foram tão luminosos os debates, que tudo ficou às escuras.

DON QUIXOTE; DE CERVANTES



«Encheu-se-lhe a phantasia de tudo o que se achava nos livros» Vol. 1 Cap. 1 (Cop. de G. Doré)

O NOSSO DON QUIXOTE



Anno 1 Cap. 1: — Encheu-se-lhe a phantasia de tudo que se acha nos jornais...

E os supostos réos foram absolvidos.

* * *

Esta mesma boa sorte — é claro — estava reservada ao ex-presidente da Geral, que, ha dias, tambem compareceu ao jury.

Escusado é dizer que mais uma vez estiveram os ingleses na berlinda e que o espetro do SYNDICATO foi invocado pelos *mediums judiciaes...* E o ultimo dos supostos réos foi, portanto, absolvido.

Luminosissimos travaram-se os debates: mas, tal foi a escuridão, que se vio claramente perdida a ultima esperança dos que ficaram sem o seu rico dinheirinho.

* * *

Geralmente, é sempre assim...

D. GADANHO.

4895...

Andam os meus amigos impressionados, apprehensivos — e com razão — por me verem n'um estado melancolico, que os assusta.

Bem pensado, o caso não é para menos, Eu sempre fui alegre, brincalhão, e quem quer que de mim se approximasse, pelos laços de amistosa convivencia, forçasamente havia de rir-se, rir-se a bandeiras despregadas, taes e tantas as pilheiras em que o meu espirito se comprazia e se desrava. dob

Mas, hoje, é isto que se vê: u-na tristeza pavorosa estampa-se-me no rosto e já um malvado me chamou de — *cara de cemiterio* — exactamente como aqui ha tempos disseram do meu amigo Alcindo Guanibara.

Ora, francamente, esta tristeza, que me acabrunha tem uma causa efficiente: — é que eu estou profundamente, convencido de que nasci muito cedo, de que não é esta a minha época.

Tenho vinte e cinco annos e sou de construção robusta. Um athleta.

Os meus sentimentos affectivos são extraordinariamente desenvolvidos. Amo impetuosamente. As minhas idéas sobre os progressos moraes e materiaes dos povos, além de participarem da impetuosidade do meu temperamento, são ainda tão adiantadas, que eu pergunto a mim mesmo como é que Deus cochilou tanto e esqueceu-se de arvorar-me em Salvador de patria, lá para 4895 ? !

E, agora, digam-me: posso eu com taes idéias, viver nesta época de misérias, achar digno de mim tudo que me rodeia?

Nunca.

Que me importa que o Sr. Crispi salve a Italia e o Sr. Faure a França? — que o Japão vá ás *fussas* da China, e o Czar salte pelos ares?

Quem são todos esses sabios — philosophos, naturalistas, poetas, financeiros, artistas, mathematicos, etc., que enchem o mundo com o echo de seus nomes?

Tudo mesquinho! Tudo ridiculo!

Em 4895, sim; em 4985 o mundo não será mais este amontoado de cousas futeis, que por ahi existe, desde o attestado de um

inspector até à Encyclica de um Papa; em 4895 fallar-se-ha do anarchismo e da navegação aérea como de cousas fósseis, que já fizeram o seu tempo.

Por imprestavel, terá desapparecido dos diccionarios o substantivo — Progresso — e em lugar delle só se empregará o feminino — Bemaventurança.

Imaginem, pois, o figurão que eu faria com as minhas idéas, d'aqui a 3000 annos, e como não hei de andar triste sentindo-me apertado neste miserável 1895 ! ...

Mas, a gotta de fel que fez trasbordar o calix destas minhas amarguras e me desesperou, foi a *Gazeta de Notícias*, que, no dia 14, publicou o seguinte :

“Um sabio alemão, muito forte em estatísticas, calculou que d'aqui a 3000 annos haverá um homem só para 220 mulheres.”

Nao, decididamente nasci muito cedo, não sou deste pobre tempo, aborreço-me tudo que vejo e os meus amigos teem caradas de razão para andarem impressionados, com o meu estado melancolico, que os assusta.

D. RUY.

BOLSA DE BOXTOS

Corre como certo :

— Que os Srs. Dr. Julio de Castilhos e general Moura vão morrer de inveja, vendo o *Don Quixote* e o *Sancho Pança*, sosinhos, darem cabo da pelle de todos os federalistas e trazerem depois o celebre ramo de oliveira...

— Que a *Gazeta* e o *Paiz* fizeram um tratado secreto de paz, na questão do cholera, continuando, porém, a controversia para inglez ver...

— Que a mesma *Gazeta* e o mesmo *Paiz* fizeram o mesmo tratado secreto da mesma paz, na questão do indulto aos aspirantes de marinha, continuando, porém, a mesma controversia, para moer jacobinos...

— Que estes ensaiam uma parodia da ultima crise da França, que terá como apotheose, não a entrada de um novo presidente, mas... antes pelo contrario...

— Que, a continuar a baixa inexplicavel do cambio, o Sr. ministro da fazenda mudará a Bolsa para o Corcovado, para obrigar o dito cambio a subir...

— Que o Sr. ministro da marinha vai fundar na ilha das Cobras uma grande lavanderia e uma escola de outros serviços domesticos, homenagem ao Sr. Dr. José Mariano... que lá aprendeu o officio...

D. BASILIO.

DESACATOS Á IMPRENSA

Quando, na noite de 18, às 9 horas, passamos na rua de Gonçalves Dias, vimos grande quantidade de povo agglomerado e uma forte patrulha de cavallaria da valente brigada policial, nas imediações e á porta do nosso collega *Jornal do Brasil*. Indagando, soubemos que a polícia cumpria ali o seu dever, porque tivera denuncia de que pretendiam atacar a propriedade desse orgão da opinião publica.

Mais adiante disseram-nos que o proprietario de outro collega, o *Correio da Tarde*, sofrera insolita aggressão, sendo ferido na cabeça.

Ora, muito bem.

Sabíamos que o c.cete e a navalha eram efficazes correctivos para o fim de impedir a liberdade de voto, como ainda ha pouco se vio.

Agora, ficamos sabendo que ha uma horda de selvagens disposta a manejar esses instrumentos, para tolher a liberdade do pensamento.

Como prova de progresso... é eloquente o nosso atrazo!

Resta saber se os taes bandidos são parentes dos da barca *Quinta* — e se a polícia deixará de os correr a tiro, para desaffronta da sociedade.

D. SANCHO

BELLAS ARTES

LULU SENIOR E COSME PEIXOTO

Muito divertida a polemica artistica entre esses dois campeões.

Digo artistica, porque tratou-se de bellas artes, mas de artistica nada tinha ou tem (não sei si acabou) a tal critica do tal Cosme.

++

O fim d'este, e logo desde o começo bem o deu a entender, era moer o Rodolfo Bernardelli, cujo bem merecido triumpho, no dia da inauguração da estatua do Osorio, fizera quasi estourar de inveja e despeito toda a *Cosmeria ou Peixotada*, composta, na sua maior parte, de antiguidades academicas da ex-Academia de Bellas Artes, e de quem Cosme é... porta-voz, para não dizer instrumento.

Eta é que é a verdade.

++

Pertanto o Lulú Senior perdeu o seu latin em querer discutir arte com quem nada ou pouco entende da materia, e cujo fim era unicamente molestar um artista de merito.

Cosme Peixoto, porém, não alcançou o seu *desideratum*. Em lugar de moer o autor da estatua equestre, só conseguiu divertil-o, e bem boas gargalhadas soltaram elles e seus numerosos amigos com a leitura dos taes folh-tins.

++

Mas Cosme, que apezar de não entender de arte, nada tem de tolo, deo-se por muito feliz ao ver sahir a campo, em defesa da

estatua, o Lulu Senior, A. de Mendoza, Marial e outros.

— Agora sim, disse Cosme, isto dá-me, pelo menos, mais tres ou quatro folhetins de troça, e como a troça não é arte, eu sinto-me mais no meu elemento.

E Cosme aproveitou logo e fez muito bem.

++

O mesmo acontece a quem faz discursos. Se ninguem dá apartes, o orador sente-se incomodado: julga os ouvintes pouco attentos ou indifferentes e a sua eloquencia esfria.

Continuou pois o Cosme a dizer um numero de cousas que nada tinham com a arte e trocaram-se pilherias de parte a parte, que muito divertiram os leitores de Cosme e Lulu Senior.

Dizem por ahí à boca cheia que o Cosme Peixoto é o Dr. ... Não direi o nome.

É dever nosso respeitar o incognito. O que, porém, não posso deixar de observar, é que, se por um lado o estylo e o espirito dos folhetins me fazem crer que são da pessoa de quem se falla, por outro lado custa-me a acreditar que um espirito tão ilustrado como o desse escriptor, tenha escolhido tão má occasião, para dizer sobre a estatua de Osorio o que elle, com certeza, não pensa, desentonando assim da opiniao geral dos que entendem alguma coisa de arte.

Estou porém convencido de que, assim como eu, o Cosme Peixoto, em sua consciencia, considera a estatua equestre do general Osorio, como a mais perfeita obra d'arte nacional, que possue o Brazil, e com a vantagem sobre muitas outras, de ter sido modelada aqui no Rio de Janeiro.

A consciencia, com certeza, obriga-o a pensar que sim.

Mas as conveniencias... fazem-lhe dizer que não.

D. XIMENES.

— Sabes? estou damnado com a Gazeta.

— Deveras?

— E o que te digo. A Gazeta com as suas facilidades sobre o cholera, fel-a-bija! ...

— Não percebo ...

— Ouve: minha sogra gosta muito de pepinos e pelas facilidades da tal Gazeta ... eu não me oppunha a isso. Tanto comeu pepinos que lá a deixei agora, com um ataque de cholera.

— Hum! ... pepinos! ... sogra! ... ataque de cholera! ... Nada, isso ha de ser cholera sem h....

— Pois antes fosse... Mas é do legitimo, com h, com muitos h h h, com todas as letras do alfabeto, até!

— ?!

— Adeus, vou ver se a mando para a Jurujuá.

NOTAS

O tribunal militar a que foi submettido o capitão de fragata Augusto de Castilho, celebre comandante da corveta Mindello, deu por não provado o libello accusatorio e absolveu esse oficial da marinha portugueza.

Houve por isso grossa borrasca em Lisboa, produzida de um lado pela crise ministerial, e de outro pela assanhada oposição que aproveitou o vento para felicitar o ex-acusado.

Mas não houve outra avaria, a não ser a vaga aberta no ministerio da marinha —

rombo que foi tapado com outro ministro... Sobre o caso acode-nos o seguinte:

Logo que serenarem as nossas paixões politicas e o juizo de cada um de nós entrar nos seus eixos, não nos será difícil reconhecer que o acto de humanidade praticado pelo bravo marinheiro, restituui ao Brazil centenas de brasileiros illustres, que lhe serão ainda muito uteis.

==

Ha cholera ou não ha cholera?

Diz o Paiz — que sim; mas a Gazeta diz — que não.

O Paiz deita abaixo a livraria toda, e — afirma; mas a Gazeta faz o mesmo, e — nega.

Acreditar-se no Paiz, é não largar mais a agua fervida e tomar outras precauções rigorosas; a dar-se credito á Gazeta, faz-se vista grossa a tudo isso e passe por lá muito bem.

Mas, que diabo! não haverá meio de ter-se uma certeza certa?

O governo não poderá fornecer documentos ás partes litigantes e mesmo ás outras folhas, neutras nessa questão do cholera?

Creamos que sim.

E o caso não é para desprezar.

Ahi pelo interior têm-se dado factos extraordinarios, attentados clamorosos, principalmente no que diz respeito à liberdade de commercio e de locomoção, motivados pela existencia de uma epidemia que, se não é a do cholera indiano, não deixa de ser muito grave.

Ora, para os sectarios do Paiz esses factos tornam-se perfeitamente justificaveis, sob a capa do feroz *instincto de conservação*; mas, para os leitores da Gazeta assumem character odioso e são dignos de severo castigo.

O governo tem o dever de aclarar este negocio e o povo tem o direito de ser official e positivamente esclarecido.

Ha ou não ha cholera?

Ecco il problema.

==

O Sr. Faure, presidente da França, vio-se seriamente atrapalhado para organizar o seu gabinete. Isto quer dizer que o partido socialista continua a fazer caretas e que talvez se tornasse preciso manipular uma combinação habil e elementos estaveis.

Ou seria por falta de homens competentes, que as dificuldades apareceram?

Neste caso, desculpe-nos o sur. Faure, S. Ex. fez muito mal, não consultando imediatamente o Don. Quixote.

Conhecemos por aquimuitas summidades politicas desempregadas recentemente, que eram capazes de engolir qualquer oposição e fazer figura papafina...

==

Chega-nos da Republica Argentina a noticia de ter o Sr. Saenz Pena resignado a presidencia, dando como causa desse acto não poder supportar a oposição que lhe moviam pelo facto de não querer dar amnistia a criminosos politicos. Accrescentam os telegrammas, que o publico foi indiferente a tal resignação.

Vê-se pois, que a opiniao publica ainda é uma grande força, mesmo na America do Sul...

==

O Supremo Tribunal Militar consultado sobre se o indulto concedido pelo governo ás prácias de pret do exercito e da armada, abrangia ou não os aspirantes de marinha — resolveu unanimemente pela afirmativa.

A proposito travou se na imprensa uma luta tão interessante, quanto desigual.

Enquanto só dois dos nossos jornais oppunham-se á interpretação que acaba de ser confirmada — todos os outros collegas, tacita ou expressamente declararam-se pela ampliação da generosa lei.

Para nós, a consulta foi um luxo diplomatico do governo e o accordão do Tribunal um pleonasmó dispensavel.

Emfim, os sermones de lagrimas sempre conseguiram retardar quasi um mez a applicação de uma lei em favor dos pobres... bandidos.

D. JUSTO

— De que precauções usas tu contra o cholera?

— Uso da hygiene moral.

— Como assim?!

— É muito simples: ao levantar da cama leio a *Gazeta* que me predispoem agradavelmente o organismo para resistir às virulas... Ao deitar, leio então o *Paiz*... e durmo sobre o caso!

— Ah!

Gracias!

A gratidão é uma virtude que sempre nos aprovou cultivar em alta escala.

Por isso, abrimos esta secção de agradecimento a todos quantos nos captivarem com as suas offertas. Para hoje temos:

— a de uma esplendida cadeira enviada pelo amavel Fonseca da grande fabrica de malas de Seixas Magalhães & C. — cadeira esta em que, uma vez sentados, perdemos a vontade de trabalhar, tais a sua commodidade;

— a de uma folhinha e varios *bibelots* lindissimos, remetidos pela casa três chic dos nossos amigos Guimarães & Ferdinando, á rua do Ouvidor;

— a de uma deslumbrante folhinha, mandada pela grande fabrica de chapéos de sol dos gertis Srs. Noé & Cº, á rua 7 de Setembro;

— a de tres magnificas photographias executadas no bem montado atelier photographic do projecto artista Barander, de Juiz de Fóra.

CABALLERO DE GRACIA.

Final do artigo da *Gazeta*, applaudindo o accordão do Tribunal Militar, no caso dos aspirantes:

Não podemos fugir porém ao impulso de manifestar o nosso contentamento por uma decisão que abre as portas da patria a tantos brasileiros irmãos e fecha o cyclo de dores e angustias a tantas familias, assás provadas pela fortuna adversa.

Trecho do artigo do Paiz, criticando o dito accordão:

Fomos, pois, vencidos, mas não estamos convencidos.

Entre este pedacinho e o abre e fecha da *Gazeta*, ha, positivamente, um abyssmo... do Paraná!

A NOSSA MEZA

Não vão pensar que *A nossa meza* é a dos comes e bebes, á qual nos sentamos diariamente, para conforto do nosso bello estomago, e onde temos bebido bem boas pingas, á razão da mesma...

Não é tal.

Esta meza é unicamente destinada á recepção de livros, jornaes e musicas, com que nos quizerem honrar os que não duvidam de que somos capazes de ler e de desengonçar as gambias, de um modo espantoso.

E, pois, para começar, temos sobre ella:

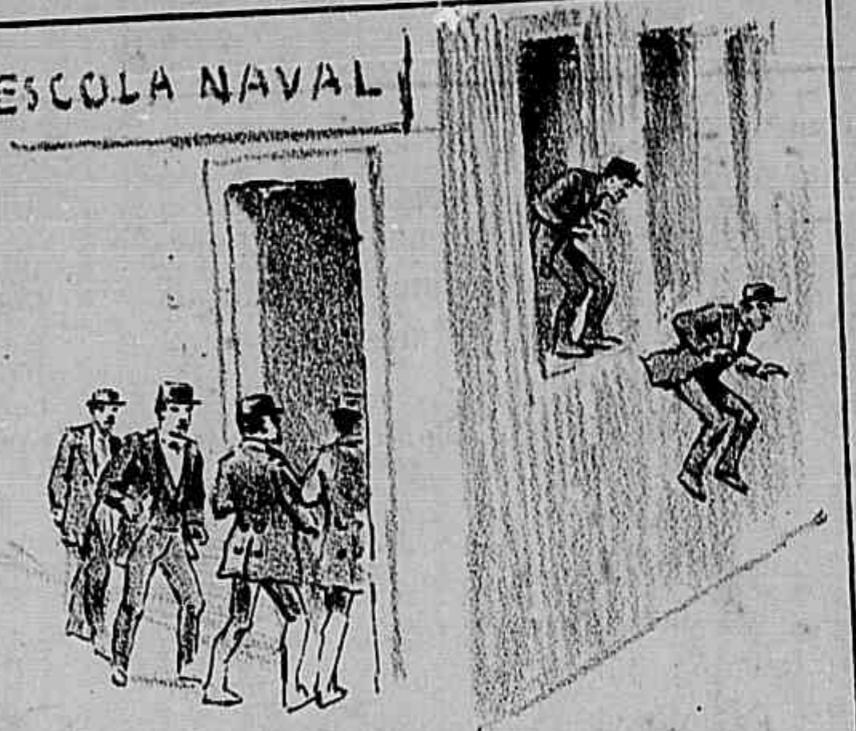
— Revista Maritima Brazileira, importante publicação do Club Naval. Abrange o periodo de Julho de 93 a Dezembro de 94. Magnifica.

— Memorial sobre o processo do *Tim Tim por tim tim*, em que é aggravada a Sra Pepa. Muito curioso.

— A Voz do Povo, sympathico jornal de Taubaté, ao qual agradecemos penhoradissimos as honrosas palavras com que nos saudou.

D. MEZARIO.

ESCOLA NAVAL



S.P. — O portão está danificado e, como eu bem o conheço, vou, por causa das aluvidas, arrochar-lhe a tancu e amolar o fio da sua espada.

O seguro morreu de velho e en acto que a prudencia mandava imitar o prudente Moraes na questão dos aspirantes.

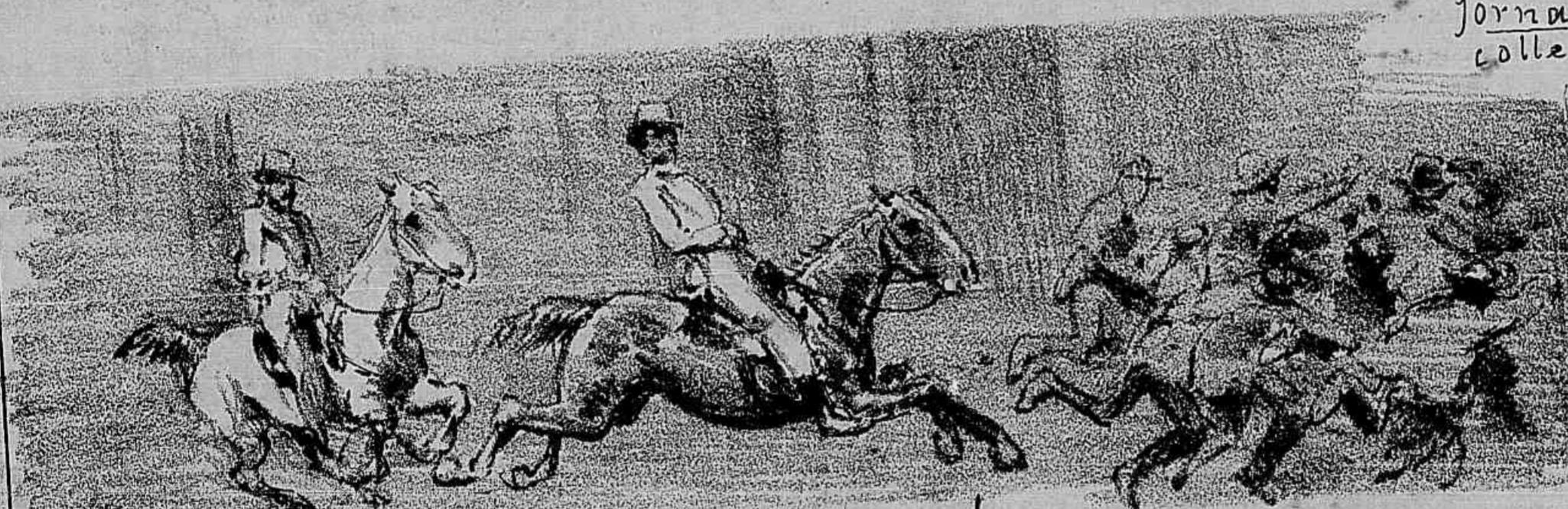
a quem mandaram entrar para a escola naval, obrigando-os, em seguida a pular pela janelas. Assim satisfez-se as opiniões contrárias



Por isso não gosto de meter-me em política. Se se agrade a uns,

desagrada-se a outros e eu não gosto de ver caras feias ou gangudas

Men tão pouco que me venham escongelar os caca-reos, como pretendem fazer com o Jornal do Brasil, nosso colega.



Mas a polícia anda activa, e ás galopadas para cima e para baixo, limpando assim a rua do Ouvidor dos celebres manifestantes da liberdade da imprensa.

Com a leitura do edital de hoje, é provável que elles axulem de uma vez.



Gracas à energia da polícia já se pode sahir a tua settz receio...

e até dar um passeio à Praia-Grande, com as devidas precauções por causa das aluvidas...

INCENDIO DA BARCA „TERCEIRA“

No dia 6 de Janeiro, às 7 horas da noite, entre S. DOMINGOS e NICHEROY

Retratos de algumas das primeiras vítimas encontradas



Franç. José Ribeiro filho

Augusto Machado de Mattos

Pedro Lacerda de Souza

Tenente Carlos Martins Pinheiro.

Capitão Tenente Manso Sayão
Chefe das oficinas da Companhia
Cantareira.

Jorge Sayão
Filho do C. T. Sayão

Joaq. M. Moraes Barbosa
Alferes do 38:

Belisario Marcinelli

José Custodio de Oliveira



NOTICIA DA CATASTROFE

A fim de satisfação a curiosidade do público resolvemos dar esta estampa antes da publicação do primeiro número do jornal „Don Quixote“, publicado por ANGELO AGOSTINI.

Ela será distribuída gratuitamente aos nossos assinantes. Aquelas que a quizerem desde já receber podem procurar-a a rua do Ouvidor 109, sobrado, das 8 às 6 da tarde.

A barca Terceira da Companhia Cantareira foi construída nas oficinas da mesma Companhia.

Era iluminada à luz eléctrica. A sua marcha regulava 12 milhas por hora e dispunha de accommodações confortáveis.

Na véspera fizera a sua primeira viagem de inauguração, dando magnífico resultado. No dia seguinte à essa festa, com corrida por grande número de convidados e representantes de todas as classes sociais, entrou em serviço público pela primeira e última vez.

A barca Terceira, que levava perto de 300 pessoas, acabava de deixar a estação de S. Domingos, onde dera desbarque a vários passageiros, quando minutos após houve o alarme de fogo que começara na tolda, em torno da chaminé.

O mestre Vidal, então, não dispõe de recursos para extinguir o incêndio, viu-se na colisão de voltar a S. Domingos, o que tentou imprecisamente, ou de encalhar a barca afim de salvar os passageiros. Vendo, porém, a barca Quinta, que momentos anteriormente havia de Niteroy, aproximá-se, entendeu ser mais seguro para os passageiros a passagem de uma barca para outra, e

Nesta ocasião deu-se o facto mais revoltante e deshumano, de que não ha exemplo em sinistros marítimos:—alguns passageiros da barca Quinta, apesar do mestre Pedro Costa assegurar não haver o menor perigo em aproximar-se mais da Terceira, empregaram a força, a mão armada, a tal fizesse.

Ainda assim o mestre Costa tentou vencer a resistência que lhe era imposta, mas, já impossibilitado de encobrir pelos miseráveis que o rodearam, teve, desolado, com as lágrimas irrompidas, de abandonar à triste sorte de morrerem queimados ou afogados os infelizes passageiros da Terceira, cujas vidas estavam nas suas mãos. A Quinta tocou atraç e o mestre mandou

que se lançassem ao mar todos os bancos e salva-vidas de que dispunha.

Os passageiros da Terceira vendo afastar-se essa barca que para elles representava a salvaguarda, a vida em fim, pensaram enfiar na morte implacável que os esperava: e gritos desolados e pungeantes ecoaram no ar. Homens, mulheres e crianças reunidas em grupo, como se despediam-se compungidamente uns dos outros, agora que para todos elles soaria o momento fatal. E quanto dor, quanto desespero, quanto agonia subia do coração por ver-se aquelas pobres creanças, ainda tão cedo, já condenadas a tão cruel destino!

E' este o momento que representa a estampa. Na tolda o Sr. Manso Sayão vestido de branco e que desde o princípio recomendara calma aos passageiros, pois que providenciaria, embalde far signal para que a Quinta se aproximasse, não supondo nunca que já, n'aquela hora suprema, ella fugia, fugia cobardemente, levando consigo a maldição das desgraçadas vítimas, maldição que recaiu toda sobre os miseráveis assassinos que, impedindo o mestre Pedro Costa de cumprir o seu dever de homem do mar e de homem humano, deram causa a tamanha hecatombe.